

**SERESTAS**

A vespertata da mineira Diamantina é uma das mais famosas serestas do Brasil, ao lado daquelas que acontecem em Conservatória no Rio de Janeiro. No caso de Diamantina, é um concerto musical a céu aberto, onde os músicos e as bandas vão para as sacadas dos casarões coloniais tocar, criando uma atmosfera única para os espectadores. Embora tenha ido a Diamantina várias vezes, nunca coincidiu com a vespertata. Em compensação, tive chance de assistir ao vivo na rua uma apresentação da peça teatral “Romeu & Julieta” do Grupo Galpão, um magnífico espetáculo sobre pernas de pau.

O fato é que Franca, em seus 200 anos de história, já foi uma cidade de serestas. Não mais. A violência urbana e novos hábitos da juventude levaram essa tradição ao fim. Havia o Conjunto Francano de Amadores que levava essa tradição adiante, mas também acabou, assim como a tradicional seresta que acontecia no dia do aniversário da Francana às 5 horas da manhã, os músicos sobre um caminhão que circulava pela cidade. Tudo isso é passado, parece que nunca aconteceu.

Na adolescência durante os anos 60, fiz muitas serenatas. Obviamente, não toco nem canto, mas modestamente fazia parte dos desafinados que ajudavam no backing vocal, o violão ficava por conta do Pedro Tacca ou do Zé Eduardo Cury, a gente entrava apenas quando tinha o “la la la”. Fizemos uma pra Vânia (hoje Bettarello), que era vizinha do Pedro, facilitados pelo fato da casa não ter muros. A Dalel, mãe dela, chegou a abrir a janela para oferecer café com biscoitos. Já a que fizemos pra Climene Novelino foi a mais difícil: tivemos que subir numa laje do alpendre da casa do vizinho Santão, futuro empresário Wagner Garcia do Magalu, pois a janela da moça dava para os fundos da casa. Outra difícil de fazer foi pra Tereza Cristina na rua Voluntários da Franca, havia uma nascente de água com taboas no terreno vago ao lado, tivemos literalmente que chafurdar na lama pra chegar perto da janela da menina, uma das mais bonitas da classe.

Após as serestas, a gente andava a toa pela cidade totalmente vazia a pé, geralmente até a padaria do Gualter (perto da igreja N. S. das Graças), onde os padeiros deixavam a gente entrar e vendiam alguns pães mais quentes que o inferno, uma delícia. Não sei se prestavam contas ao dono da padaria, que fazia os melhores “jacarés” da cidade.

As serenatas ocorriam do sábado para o domingo, dia de acordar mais tarde. De modo geral, as casas tinham muros baixos, fáceis de entrar. Quase não havia cachorros brabos ou pais com espingardas aguardando, a maioria era simpática aquele tipo de corte às meninas, que acendiam as luzes dos dormitórios para assinalar que estavam ouvindo ou até mesmo abriam as janelas para ouvir melhor e conversar. A proliferação dos gravadores e toca-fitas em cassete acabaram com a farra da música ao vivo, a gente podia fazer uma playlist com Beatles e Chico Buarque, ninguém precisava mais do violão e voz. Afinal, os desafinados também tem um coração. Logo depois, a violência urbana em alta acabou de vez com as serestas das frias noites francanas.

Mauro Ferreira é arquiteto